

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO  
PÓS-GRADUAÇÃO – SOCIOPSICOLOGIA

Gabriel Borges Martins  
R.F: 0024662

**Moral sexual contemporânea do homem: semelhanças e diferenças cem anos depois**

São Paulo  
2021

Gabriel Borges Martins

**Moral sexual contemporânea do homem: semelhanças e diferenças cem anos depois**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em formato de Artigo Científico, apresentado à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), como exigência para conclusão do curso de Pós-graduação em Sociopsicologia, sob orientação do Professor Doutor Rodrigo Alencar.

São Paulo  
2021

Gabriel Borges Martins

**Moral sexual contemporânea do homem: semelhanças e diferenças cem anos depois**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em formato de Artigo Científico, apresentado à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), como exigência para conclusão do curso de Pós-graduação em Sociopsicologia, sob orientação do Professor Doutor Rodrigo Alencar.

Data de aprovação:

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

---

Sérgio Luis Braghini, Doutor,  
Fundação Escola de Sociologia e Política

## RESUMO

Este artigo tem o objetivo de abordar aspectos próprios à moral sexual contemporânea do *homem*, cujos ideais e estigmas têm consequências psíquicas análogas às encontradas por Sigmund Freud em *Moral sexual civilizada e neurose moderna*. Buscamos identificar *o que é um homem*, utilizando as linguagens sociológicas e psicanalíticas, reconhecendo as diferenças de expectativas entre os gêneros, ou semblantes, e a moldagem das reações diante de seus desencontros. Recorrendo principalmente à representação da moral sexual nas mídias, tais como a publicidade e a indústria pornográfica, consideramos suas semelhanças e diferenças em relação ao século passado e discorremos, então, como a moral sexual civilizada contemporânea impõe sacrifícios psíquicos aos homens.

**Palavras-chave:** masculinidade; gênero; estigma; psicanálise; sexualidade.

## ABSTRACT

This article aims to address the own aspects of *man's* contemporary sexual morality, whose ideals and stigmas have psychic consequences like those found by Sigmund Freud in '*Civilized Sexual Morality and Modern Nervousness*'. We try to identify *what a man is*, using sociological and psychoanalytical languages, recognizing the differences in expectations between genders, or semblants, and the molding of reactions in face of their disagreements. Using mainly the representation of sexual morality in media, such as advertising and the pornographic industry, we consider their similarities and differences from the last century to then discuss how contemporary civilized sexual morality imposes psychic sacrifices on men.

**Keywords:** masculinity; gender; stigma; psychoanalysis; sexuality.

## Moral sexual contemporânea do homem: semelhanças e diferenças cem anos depois

### 1. Introdução

No início do século passado, mais precisamente em 1908, Sigmund Freud escreveu sobre a *Moral sexual civilizada e neurose moderna* (Freud, 1974a). Neste texto, ele argumenta que a moral sexual imposta pela civilização, ou seja, pelo conjunto de pessoas em intensa produção Cultural e controle da economia pulsional daqueles que a compõe, cobra um alto preço sobre a vida psíquica dos indivíduos. Além de opressão à satisfação de desejos naturais, esta moral direcionaria a energia libidinal a objetos fantasiosos e idealizados, ou seja, direta e indiretamente conduziria à enfermidade psiconeurótica.

Partindo desta premissa teórica, buscamos contrastá-la à realidade Cultural atual, exatamente 113 anos depois. Durante este período, destacou-se o aprofundamento na investigação, em múltiplas áreas do conhecimento, entre a relação dos sexos e a expectativa social em relação à prática sexual, assim como a influência de classe e raça no debate. Logo, faz-se essencial circunscrever o objeto deste contraste: o *homem* ocidental, sob a ideia hegemônica de comportamentos que se esperava e se espera dele, que inclui uma moral sexual e as possibilidades de se relacionar com ela.

Esta circunscrição não é simples, pois as teorias de gênero e diferenciação sexual, respectivamente das linguagens sociológica e psicanalítica, fundamentais para dizermos *o homem* neste trabalho, são frequentemente arguidas como imiscíveis. No entanto, este confronto enriquece nosso objeto, ao passo que nos distanciamos do “homem” (gênero) como integralmente fruto do arranjo social, sob o viés sociológico de Piscitelli (2009), por exemplo, e de uma leitura normativa da psicanálise lacaniana que Christian Dunker (2019) chama de *leitura cis*, baseada na normatização do lado “homem” (sexuação) em posições rígidas uniformes de semblante, gozo e fantasia.

Assim, sem que nos percamos neste rico e multidisciplinar debate, conceituaremos estas teorias apenas quando necessário à satisfação da comparação histórica proposta neste trabalho. Desta forma, como pedra fundamental, quando utilizamos o significante *homem*, sem aprofundamento teórico imediato, estaremos nos referindo, sob o olhar das teorias de gênero, à parte social que lhes cabe e, sob o viés psicanalítico, ao lado homem do eixo semblante, ou seja, *homem* como fenômeno de linguagem, definido por experiências de reconhecimento e

interpelação, “aquele que se reconhece quando este significante é evocado.” (Dunker, C., 2019, p. 204).

Ora, retomando ao objeto deste desenvolvimento argumentativo, se a relação e as consequências psíquicas entre a expectativa moral de prática sexual do homem envolvem tanto a repressão direta de satisfação do desejo - oprimindo-o quanto ao objeto, forma, e tempo - como também as alternativas econômicas encontradas para o gozo, a análise deve passar tanto pelo desenvolvimento do discurso coletivo de censura quanto aos novos objetos de apoio. Enquanto, por um lado, o controle moral sexual perpetuou-se como algo que não deve ser debatido em seu cerne (Foucault, 2001), por outro, os apoios à descarga sexual transformaram-se intensamente com o advento da televisão, propaganda em massa e pornografia sob demanda<sup>1</sup>.

Ao assumir a “enfermidade psiconeurótica”, ou neurose, como ponto de encontro entre as duas épocas analisadas, é imperativo discorrer, então, sobre a formação dos parâmetros morais de comportamento impostos ao *homem* que levam a este perecimento humano. Por fim, tão fundamental quanto, em que local da organização psíquica e como este desarranjo se faz.

## 2. A moral sexual civilizada no início do século XX

Entre os escritos mais célebres de Sigmund Freud, está *Moral sexual civilizada e neurose moderna* (1974a). Com primeira publicação em 1908, o cerne desta argumentação foi um prelúdio a *O mal-estar do sujeito na sociedade contemporânea* (1974c), vinte anos mais tarde, ao apresentar o duelo entre a constituição humana, reivindicação individual, e as exigências que a civilização, ou Cultura, reivindica de seus partícipes. O que chamamos de Cultura seria, de forma simplificada, o conjunto de padrões de comportamento, ciência e instituições de uma sociedade transmitida, também, hereditariamente, por meio de hábitos, morais e comportamentos familiares.

Freud (1974a) constrói um cenário irreconciliável entre indivíduo e civilização, em que as restrições não são apenas oriundas da “educação”, mas, de certa forma, são transmitidas por uma “repressão orgânica”, valores, como a interdição ao incesto e outras crenças coletivas que passam, via *procuração*, de um familiar ao próximo. Inclui-se, então, por assunção, os demais padrões de comportamento impostos às práticas sexuais como culturalmente transmissíveis e impostos.

---

<sup>1</sup> Segundo relatório de 2019 do site pornográfico Pornhub <<https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>>, o site recebeu 42 bilhões de visitas no ano, o equivalente a 115 milhões de visitas diárias, aumento de 25% em relação a 2018, sendo que, do total de visitas, 68% são realizadas por homens.

A moral sexual civilizada realiza, logo, o cerceamento do que seria a moral sexual natural, ou seja, a energia pulsional libidinal é parcialmente insatisfeita para atender as restrições culturais e civilizatórias. Por exemplo, no início do século passado, quando se localiza esta construção freudiana, admite-se apenas a prática sexual legítima e com fins reprodutivos, ou seja, após e dentro do casamento, constituindo, por contraste, um enorme campo de desejos proibidos, ou ditos perversos.

Michel Foucault (2001) crê que esta repressão sexual, do debate sobre a sexualidade, era fruto do regime burguês vitoriano, em que o sexo só seria permitido apenas entre quatro paredes, entre cônjuges e nada além disso. A liberdade sexual do período histórico anterior passou a ser vista como algo pecaminoso, sendo práticas sexuais não permitidas restritas ao confessionário, solidificando a sexualidade como tabu, no sentido menos complexo da palavra, como algo que não deve ser discutido no seu cerne, menos ainda o motivo de sua proibição, encarando-a como algo natural.

### **3. A economia psíquica do sujeito sob esta moral**

Se o cenário social da época começa a tomar forma, é fundamental que o mesmo aconteça com o processo interno que ocorre no sujeito, uma vez que “o comportamento sexual de um ser humano frequentemente constitui o protótipo de suas demais reações ante a vida” (Freud, 1974a, p. 108). Após haver repressões simbolizadas de desejos libidinais, desde as primeiras demonstrações edípicas em relação a quem desempenha a função materna, esta energia assumiria um sentido oposto, de mesmo valor, como neurose, na parte inconsciente da mente. Esta absorção constitui o que Freud (1974b) chamou de *superego*, uma instância censora que, consciente ou inconscientemente, dará um limite moral, um freio às pulsões, de acordo com aquilo que foi apreendido pelo comportamento paternal, expressando os limites impostos pela Cultura. Porém:

“Uma das óbvias injustiças sociais é que os padrões de civilização exigem de todos uma idêntica conduta sexual, conduta esta que pode ser observada sem dificuldades por alguns indivíduos, graças às suas organizações, mas que impõe a outros os mais pesados sacrifícios psíquicos. Entretanto, na realidade, essa injustiça é geralmente sanada pela desobediência às junções morais.”  
(Freud, 1974a, p. 104)

Logo, é certo que haverá casos de desequilíbrio desta economia pulsional, que não se realiza, causando o que Freud (1974a) chama de doença nervosa ou psiconeurose. A consequência disso seria exatamente o oposto que o processo civilizatório ansiava: pessoas que, sem solucionar sua psiconeurose e sintomas, exatamente por não simbolizar estes desejos e sentimentos reprimidos, ou encontrar outras metas às pulsões, tornam-se incapazes de contribuir às produções culturais civilizatórias.

Uma das alternativas de reequilíbrio desta economia pulsional seria a autoerotização. Contudo, esta alternativa atemporal, diga-se, pode ser um dínamo de ampliação do sofrimento neurótico. A princípio porque, sob a tutela moral da abstinência do período analisado, não havia condescendência social em relação às práticas masturbatórias, o que, por ação *superegoica*, tornaria a prática também perversa. Em segundo lugar, a autoerotização do início do século passado não envolvia, em geral, a utilização de mídia impressa ou, absolutamente, digital, cabendo às fantasias imaginativas a montagem de cenas ideais que levassem ao gozo.

Neste local essencialmente imaginário, o *homem* busca assumir a forma do *ego ideal*, “enquanto imagem de perfeição narcísica” (Garcia-Roza, 2009, p. 223), momento em que se cessaria a angústia. Contudo, como o próprio psicanalista brasileiro escreveu, a idealização é um processo em que o objeto é aumentado e exaltado sem que sua estrutura seja alterada. Logo, além da culpa pela autoerotização, os níveis de perfeição do objeto sexual das fantasias que acompanham a satisfação são tão idealizados que fogem à realidade, causando uma necessária frustração quando contrastadas à realidade da prática sexual. Temos, logo, o molde dos dois focos de nossa comparação: primeiro, a maneira como a Cultura, à época, recebia e condicionava as relações sexuais e, segundo, os meios disponíveis para construção de fantasias que satisfizessem, mesmo que parcialmente, o desejo restringido.

No entanto, antes de prosseguir, é imperativo atestar que a moral sexual descrita, no início do século XX, era diferente entre os homens e as mulheres, assim como a reação social à violação deste regramento – diferenciação arbitrária que, segundo Freud (1974a), impediria a constituição de um tecido social capaz de amar a verdade, honestidade e humanidade. Como o objeto deste estudo é verificar se a prática sexual contemporânea, seus ideais e estigmas, recortada ao *homem*, quando não satisfeita, tem consequências psíquicas análogas àquelas encontradas por Sigmund Freud em *Moral sexual civilizada e neurose moderna*, é imprescindível saber o que e quem é este *homem*.

#### 4. O *homem* que converge de múltiplas ciências

Definir quem é “*homem*” ou, em outra construção, o que é um “*homem*”, é um desafio em si mesmo e representa um risco de fugirmos do cerne da argumentação em tela. São múltiplas as disciplinas científicas capazes de responder estas arguições, desde a linguística, transitando pela história, sociologia, antropologia, até a psicanálise. Todas estas maneiras de se dizer e pensar - todas estas “línguas” explicativas - possuem legitimidade e, por isso, nos estimulam a contrastá-las e utilizar, em nosso raciocínio, o produto de seu cruzamento.

Pedro Ambra (2015) reflete com excelência sobre esta diversidade de fontes ao tentar conceituar este *homem*. Surge da terceira geração de psicanalistas, especificamente pelo norte-americano Robert Stoller, o aprofundamento da separação entre *identidade* sexual e sexo biológico, base para a consagrada tríade das ciências sociais que separa e qualifica (i) identidade de gênero, (ii) orientação sexual (sexualidade ou escolha objetal) e (iii) sexo biológico. Eis o advento de um conflito teórico: para a psicanálise, generalizando, claro, as ciências sociais relegariam tudo ao social, deixando de lado a subjetividade do sistema simbólico, enquanto, em sentido oposto, a psicanálise recebe a crítica de um binarismo falocêntrico incapaz de superar os arranjos desde tripla separação sem patologizar o sujeito.

Para tentar aproximar estas ideias em um conceito de *homem* que seja útil aqui, evitando generalizações e valorizando as similaridades destes estudos, é estratégica uma breve análise linguística desta aparente incompatibilidade. “*Identidade*” é, na psicanálise, “aquilo que faz grupo, é onde se apaga a singularidade do sujeito em nome da formação de um coletivo: os homens, mulheres, os alunos, os psicanalistas, os negros, os pobres” (Rodrigues, C., 2019, p. 69), significante que, na ciência social, deve ser substituído por “*identitário*” para conservar o mesmo significado. Alguns estudos de gênero veriam, então, “*identidade*” como um conceito de sujeito, o que é questionado internamente: seria possível resumir um sujeito apenas pela “*identidade de gênero*”, por exemplo? Seria mais apropriado fazê-lo por diversas *identidades* (no conceito psicanalítico), fruto ficcional de um “processo interminável, indefinidamente fantasmático, de identificação” (Prado, 2017, p. 112, apud Rodrigues, 2019, p. 69) ao outro.

Se, para Freud, a identificação era conhecida como “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (Freud, 1974d, p. 65), a identificação é base para a formação do que a psicanálise chama de “ego” e como, segundo a teórica lacaniana, a linguagem evita o fechamento do sujeito em um eu em si mesmo, podemos iniciar o desenho de uma *identidade homem*, inserida não apenas na negativa do que *não é homem*, mas na identificação com o que a história, ou a Cultura, chama de homem, constituindo umas das ficções identitárias que

sustentam o “ego”. Lacan direciona o mito de Édipo, mais especificamente a figura paterna deste arranjo, da natureza imaginária à forma simbólica, como função paterna, ou seja, se

“(…) a definição de sexo em Lacan pode ser lida não mais enquanto eco de uma diferença anatômica primordial, ou de forma sim ética e complementar entre um homem e uma mulher, mas antes enquanto modalidade de posicionamento em relação à lei simbólica” (Ambra, 2019, p. 35)

Neste raciocínio, então, o *homem* é uma consequência do desenvolver psicanalítico do Édipo enquanto discurso, ou seja, independente de fatores biológicos, aqueles considerados *homens* regem-se pela função fálica. Contudo, mesclando os campos das ciências sociais e psicanálise, não há por que dizer sobre uma *identidade sexual* única “homem”, como argumentamos anteriormente, pois exigiria uma “conjunção necessária e essencial entre tipo de semblante, modalidade de gozo e forma de fantasma” (Cossi; Dunker, 2019, p. 196) os três andares da teoria da sexuação lacaniana. Esta forma de leitura, diz Christian Dunker (2019), pode ser caracterizada como *cis*, pois criam uma normatividade que todos estejam do lado “homem”, regidos pela função fálica, ou “mulher”, contudo, ele argumenta, e nós endossamos, que não há binaridade nestes andares, sendo possível lê-los de forma *trans*, ou seja, o lado “homem”, regido pela função fálica, pode transitar nos outros lados quando nos referimos a semblante, modalidade de gozo e forma fantasma.

Pois bem, se *semblantes* são “construções ou modos de parecer, se os modos de parecer ou uso de traços, ao modo performativo da linguagem” (ibid., p. 179) na diferenciação sexual psicanalítica e se as identidades de gênero são identificações de gênero, compreendemos ambas como sinônimos e produtoras da identidade ficcional *homem*. Em suma, este será o *homem* utilizado nas próximas páginas: um norte imaginário que, recheado pela performance que a Cultura, ou história, exige, de maneira simbólica, nos processos de identificação, jamais será alcançado.

## **5. Entre a história e a psicanálise: identificações contemporâneas de masculinidade que levariam à identidade *homem***

Como este *homem*, então, é definido pela Cultura contemporânea? Quais práticas e modelos sexuais *identificatórios* são colocados à disposição para que o sujeito acredite estar sob uma *identidade* masculina, independentemente de sua organicidade? Finalmente, quais

destes pontos mudaram, em relação ao quadro pintado por Freud (1974a) no início do século passado, e como estas eventuais alterações gerenciam a economia pulsional do sujeito?

É justo falar que, na Cultura, estas identificações com o que é ser *homem*, podem ser chamadas de *masculinidade*, meio de um processo interminável de (não) alcance a esta identidade. Inserida nos tempos atuais, de uma sociedade do espetáculo<sup>2</sup>, esta masculinidade torna-se hegemônica, nos permitindo analisar, de forma teórica e empírica, comportamentos que a comporiam. Por exemplo, Connell e Messerschmidt (2013), mesmo reconhecendo a existência de variáveis dentro da masculinidade, observam que “Os conceitos de masculinidade hegemônica e subordinada ajudaram a compreensão da exposição dos homens a situações de risco, como também acerca de suas dificuldades para lidar com as próprias incapacidades e ferimentos.” (Gerschick; Miller, 1994, apud Connell, R.; Messerschmidt, 2013, p. 246).

A masculinidade ocidental hegemônica é, por essência, uma masculinidade civilizada e, portanto, historicizada. Por este motivo, há um diálogo inerente entre a *masculinidade* (identificações) e o local que se quer chegar: *homem* (identidade). A “compreensão da exposição dos homens a situações de risco”, citada no parágrafo anterior, deixa de ser uma mera constatação empírica ou um direcionamento arbitrário ao assumirmos que estas identificações de masculinidade estão condicionadas exatamente pelo que se acredita ser um *homem* enquanto identidade.

Pedro Ambra (2015) faz este trabalho histórico e psicanalítico de forma didática e exaustiva em seu livro. Segundo o psicanalista, este *homem* ficcional origina-se exatamente de um *mito viril*, no momento em que este mito é suprimido pela modernidade e se estabelece incondicionalmente no passado. Aquela virilidade seria adquirida pelo próprio corpo, de forma bestial, enquanto a modernidade exige o diálogo, o pensamento. Então, prega o autor, a masculinidade contemporânea (identificações), ocidental, passa pelo discurso e ação, simbolizações, em busca de uma virilidade perdida (identidade *homem*), imaginária, que jamais será alcançada, pois o *mito viril*, seria não interdito, enquanto, por outro lado, a interdição é inerente ao homem civilizado contemporâneo. Conclui Lacan: “O *homem*, o macho, o viril tal como conhecemos é uma criação de discurso - nada, pelo menos, do que dele se analise, pode ser definido de outra maneira” (Lacan, 1969-70, p. 57, grifo do autor).

---

<sup>2</sup> Conceito consagrado por Guy Debord (1967), que, segundo autora estudada e utilizada neste raciocínio, Maria Rita Kehl (2002), estende-se até os dias atuais e é sinônimo da sociedade de massas em seu estágio mais avançado, quando imagens, ou palavras, são altamente esvaziadas para que haja o maior número de identificações simultâneas possíveis a elas.

Considerando, então, *homem* como uma identidade, impossível por essência, sinônimo do *mito viril* e a masculinidade como as identificações simbólicas a este mito, precisamos localizar estes conceitos na psique humana, para entender como a moral sexual contemporânea age em nossa economia pulsional libidinal. Nesta linha, *homem* insere-se no *ego ideal*, posicionamento do “ego” como objeto de prazer, uma instância imaginária que, se aqui chegasse, acabaria-se com a angústia de castração, pois se estaria na forma em que se fantasia o outro enxergando o sujeito. Por outro lado, a *masculinidade*, assumida como sinônimo dos processos de identificação em nossa argumentação, pode ser associada à relação do *ideal do ego* que, segundo Freud (1974b), resulta exatamente do encontro do narcisismo e das identificações com os pais, seus substitutos e moral coletiva, sendo um modelo que o sujeito procura conformar-se – é uma instância simbólica de como devo ser para desejar aquilo que me identifico.

Em outras palavras, Garcia-Roza argumenta que o sujeito incapaz de renunciar à perfeição do ego ideal, local onde é *homem, viril*, o sujeito tenta recuperá-lo sob a forma de um ideal do ego, construído mediante processos de identificação, comportamentos e regramentos morais, sexuais, por exemplo, que os aproximariam do modelo ilibado da identidade homem e estruturaria seu “ego”. Seja nas simulações militares, na prisão dialética de “o homem não chora”, na obrigatoriedade de um homem possuir diversas parceiras sexuais, na assunção de um instinto sexual animal incontrolável no sujeito, observamos processos identificatórios simbólicos que anseiam alcançar o *mito viril* perdido, que daria a identidade *homem* necessária para estabilizar o sujeito contemporâneo e organizar seu “ego”. Porém, essa roupagem *homem* não será alcançada, por impossibilidade lógica, e estagnar-se-á o sujeito em uma frustração inerente ao desencaixe identitário de identificações que não levam a lugar algum.

## 6. A moral sexual no século do espetáculo

Esta ânsia *viril*, de poder social e não interdição Cultural, para nosso trabalho, especificamente, interdição sexual, é invariavelmente moldada pela mídia de massa na contemporaneidade, meio pelo qual os comportamentos esperados ao *homem* são moldados sob as óticas consumerista e ideal. Por exemplo, mesmo nas variáveis de uma masculinidade hegemônica encampada por Connel e Messerschmidt (2013), há um traço que conecta todas elas. Quando questiona quem é o *homem* “É John Wayne ou Leonardo DiCaprio; Mike Tyson ou Pelé?” (Whitehead, 1998, p. 58; e 2002, p. 93, apud Connell; Messerschmidt, 2013, P.252), o próprio autor denuncia algo empiricamente claro: todos estes ícones são publicamente

admirados por suas façanhas sexuais e variedade de parceiras. No mesmo texto, Connel e Massarschmidt admitem a possibilidade de que modelos de conduta propagado pelas instituições, não necessariamente condizem com a realidade, mas são idealizações, em um cenário que os próprios sujeitos são “cúmplices resistentes, sem que qualquer um incorpore exatamente aquele ideal” (Wetherrell; Edley, 1999, p. 337, apud Connell; Messerschmidt, 2013, p.256). Ou seja, o modelo de masculinidade hegemônica apresentado, que teria como produto a identidade *homem*, idealizado pela mídia, torna-se ainda maior e mais inalcançável – como já seria inicialmente em sua essência.

Atualmente, sob este espetáculo, as imagens simbolizadas tornam-se mais importantes e poderosas que a realidade, diz Maria Rita Kehl (2002). Os ideais apresentados, que ocupam o espaço de “conformar-se” em nossa psique, no formato do *ideal do ego*, ampliam-se a formatações e ações cada vez mais distante da realidade do sujeito comum e associadas à imagem apresentada na tela – os processos de identificação que garantem a formação do “ego” relacionam-se a comportamentos, mas principalmente, aos corpos. Segundo a psicanalista brasileira:

“O Outro em psicanálise é testemunha da visibilidade do sujeito, portanto de sua existência presentificada em uma imagem: à posição do sujeito da imagem, chamamos [...] [Ego] Ideal. O Outro é também portador imaginário de uma esperança que sustenta o sujeito no fio do tempo: a de que ele estará mais perto do [...] [Ego] Ideal quanto mais se parecer consigo mesmo. Ou melhor: quanto mais se parecer com aquele que ele supõe que o Outro veja.” (Kehl, 2002, p. 149, grifo do autor)

Neste sentido, a mídia atua como condicionador de comportamentos para que meu corpo seja digno de desejo, que o sujeito assuma comportamentos que o identifiquem com os modelos ideais corporais e o leve o mais próximo possível de si: *homem, viril*, ego ideal cessando, assim, toda sua angústia da interdição.

Em relação à prática sexual, a indústria pornográfica comprova esta teoria, da tentativa de alcance de uma identidade masculina ideal. Em uma pesquisa realizada em 2018, pelo Canal SexyHot, em reportagem publicada pela plataforma G1<sup>3</sup>, apontou-se que um dos principais motivadores dos 22 milhões de brasileiros que consome pornografia é “ver e aprender situações/posições”. Ou seja, dentro da construção masculina hegemônica no Brasil, a indústria

<sup>3</sup> <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>>.

pornográfica, cada vez mais acessível<sup>4</sup>, de forma gratuita, livre e sob demanda, é encarada como forma de aprendizado sexual, ou seja, os comportamentos e padrões estabelecidos pela figura que represente a masculinidade serão encarados como parâmetros comportamentais de identificação para performance e solidificação do *homem*.

Neste momento, tudo é encarado como formação *ideal*: posições sexuais, interações - física e linguísticas - com os outros participantes do ato sexual, tamanho do pênis dos atores, íterim temporal até a ejaculação. A pornografia simboliza ao sujeito a possibilidade de alcance da *virilidade*, do *homem* de fato, e não apenas, também desenha a performance que o sujeito deve adequar-se para isso.

O excesso de exigências no âmbito sexual, na construção da masculinidade hegemônica, apresentadas pela mídia de massa<sup>5</sup>, seja na hipersexualização dos corpos em conteúdo de consumo livre ou na indústria pornográfica, leva o sujeito a ficar mais distante de conformar-se ao *ideal do ego*, construção social, aquele, ou aquilo, que simbolizaria o pai da horda, ou o modelo a ser seguido para ser desejado. Julgamos ser justo dizer, logo, que este *ideal do ego* assumido pelo homem passa, como supra argumentado, por uma ideia do masculinidade, seja seu pai familiar, um homem admirado (um tio, um amigo, um atleta profissional, um artista, etc.), que incluiria, por assunção, também, os personagens pornográficos que legitimariam este *ideal do ego* capaz de levar ao *homem* (como dito, impossível), viril, conquistador e apto a alcançar o êxito sexual por meio do subjugamento, com comportamentos sexuais padronizados, esterilizados e infalíveis, que garantiriam seu reconhecimento identitário como *homem*.

Contudo, “Ao tornar as exigências do [...] [ego] mais intensas, elas se transformam no fator facilitador e condicionante do recalque” (Garcia-Roza, 2009, p. 204, grifo do autor). Esta ideia converge com o pensamento freudiano (1974b), do recalque como uma instância proveniente do “ego”, de acordo com as exigências morais e Culturais a que o sujeito se submete, como, por exemplo, as próprias identificações de *masculinidade* para se seja *homem*.

Então, este ideal sexual jamais alcançado, componente da masculinidade hegemônica contemporânea aqui tratada, seja em qualquer um dos comportamentos exigidos, leva este homem recalçado - sob o inconsciente freudiano - e frustrado, empiricamente, a uma situação limite. Por se tratar de práticas sexuais, forma e frequência de prática, como premissa de

---

<sup>4</sup> Segundo relatório de 2018 do site pornográfico Pornhub <<https://www.pornhub.com/insights/2018-year-in-review>>, o Brasil é o 12º país que mais consumiu conteúdo erótico em seu site naquele ano. No total, o site recebeu 33.5 bilhões de visitas naquele ano, o que significa 92 milhões de visitas diárias, o equivalente às populações de Canadá, Polônia e Austrália somadas.

<sup>5</sup> Pesquisa do IBGE em 2019 <[http://tiny.cc/tv\\_ibge](http://tiny.cc/tv_ibge)> indica que mais de 96% dos domicílios no Brasil possuem acesso a, ao menos, um televisor, enquanto em mais de 82% há utilização de internet.

participação na identidade homem, tema que não é verdadeiramente dialogado, mas é constantemente expresso<sup>6</sup>, como reza Foucault (2001), este homem precisa criar uma narrativa sexual que, dentro deste aspecto, inclua-o na horda e, assim, legitime sua existência enquanto *homem*, sob a ótica de uma masculinidade, mas que, de maneira paradoxal, posiciona-o subalternamente à *ideia*, colocando-se distante do “ego” próprio e de uma solução a esta neurose, deliberadamente sufocada.

A ideia apresentada anteriormente, ao se analisar a moral sexual no início do século XX pode ainda ser observada atualmente. Apesar de identificarmos<sup>7</sup> uma alteração do estatuto que permitiria apenas a prática sexual legítima e para reprodução para um cenário de constante sexualização dos corpos na mídia e a prática sexual frequente como premissa a ser *homem*, a análise de Michel Foucault (2001) repressão do debate sobre a sexualidade permanece atual. Contudo, se no passado era um controle moral e geral aos sexos sobre a prática e o diálogo, atualmente vê-se a restrição de diálogo como uma das identificações necessárias para ser *homem*, afinal se ser viril é sinônimo de ser *homem* e “ser viril é não ser civilizado” (Ambra, 2019, p. 145), o *homem* deve estar fora da possibilidade de pensamento e simbolização de suas angústias, numa realidade em que há o dever de afirmar em toda circunstância sua *virilidade*.

Então, aquele sujeito, distante do que a sociedade contemporânea entende hegemonicamente como performance sexual ideal para o *homem*, é incapaz de dialogar ou expressar suas experiências com seus pares sobre a temática, sob o risco de ter sua identidade, digo mais, sua existência, em risco. Ele troca o risco da estigmatização feita por terceiros pela certeza de uma autoestigmatização silenciosa, ou seja, utilizando o conceito de Goffman (1988), dá-se um descrédito por um aspecto, interpretado como negativo, diante do estereótipo apresentado, sendo a masculinidade hegemônica, sob forma de uma psiconeurose, culpado e incapaz de redirecionar as pulsões que, ao não alcançar as metas impostas, voltam-se para si.

Este trauma é vivido pelo sujeito de forma psicológica. Relacionando-se à ideia de incorporação da masculinidade, texto de Connell e Messerschmidt (2013), a prática sexual é imaginada como exploração e conquista, ou seja, aqueles que conseguem sucesso nesta empreitada recebem o prêmio, a confirmação de sua masculinidade e pretensão de se desenharem na identidade *homem*. Em contraposição, aos que não, independente do motivo (no caso deste texto, por não alcançar os parâmetros sociais inalcançáveis de uma masculinidade

---

<sup>6</sup> Aqui, tem-se como “expresso” os aspectos pessoais e coletivos. Tanto a expressão fabricada de adequação às identificações expostas quanto às expressões de sexualidade na mídia.

<sup>7</sup> “Dados [...] IBGE <<https://outline.com/guk4xv>> mostram que a taxa de casamentos caiu quase pela metade nos últimos 40 anos, enquanto o número de divórcios aumentou mais de onze vezes nas últimas três décadas.” Todos os hiperlinks indicados nas notas de rodapé foram satisfatoriamente acessados em 02 de ago. de 2021.

contemporânea hegemônica, vividas em seu corpo), esta mesma identidade, ficcional, nunca é demais lembrar, não é concedida.

## 7. Considerações Finais

Vimos neste trabalho que um mesmo tema pode ser apresentado utilizando uma multiplicidade de “idiomas”. Munindo-nos de conceitos sociológicos, psicanalíticos, históricos e outros, foi possível conectá-los, contrastá-los e, então, identificar pontos de conexão e diferenciação entre a *moral sexual civilizada e neurose moderna* apresentada por Freud no início do século XX e sua atualização no século XXI, que chamamos, provocativamente, de *moral sexual contemporânea e neurose não-tão-moderna assim*.

Como premissa, para evitar a eventual ressalva de não aplicabilidade, da análise contemporânea, a todas as identidades sexuais, ou todos os gêneros, fez-se fundamental recortar sobre *quem* falávamos. É claro, definir o que é o *homem* ou quem é *homem* é uma tarefa inesgotável e complexa, por isso não há presunção que este trabalho tenha satisfeito a questão, apenas que haja clareza sobre o que falamos ao utilizar este significante: ideia temporal e socialmente localizada que qualquer sujeito pode buscar para ser identificado como *homem*. Fruto das identificações simbólicas que dariam conteúdo e proximidade do sujeito a esta identidade. Dentro da teoria de sexuação lacaniana, é o *homem* enquanto semblante, não lado, e, na teoria de gênero, a sua parte estritamente social.

Desta forma, é possível afirmar que em ambas as localizações temporais estamos nos referindo ao *homem* civilizado, interdito pela Cultura como reguladora de suas pulsões – mesmo que de forma diversa. Em relação à prática sexual, no século passado, a moral sexual era costurada pela abstinência até o casamento e, durante, pela finalidade reprodutiva, parâmetro que garantiria a melhor participação civil do sujeito. Esta Cultura, simbolizada diariamente tanto pela família quanto pela comunidade, assume também função inconsciente na forma do *superego*, que possui procuração para interditar o sujeito sempre que necessário e recalcar seus desejos perversos, alheios à conformidade da época.

A Cultura contemporânea, por outro lado, *espetacular*, possui influência massiva da mídia e transmite outra mensagem sobre o que fazer para ser *homem*. O cardápio de identificações para nos tornarmos objeto de prazer e, conseqüentemente, nos aproximarmos ilusoriamente da identidade *homem*, passa pelas masculinidades potentes, ilibadas, oceânicas, das novelas, anúncios comerciais e, principalmente, da pornografia, constituindo um *ideal de*

*ego* conformativo, corporal e comportamental. Ou seja, estar mais próximo deste modelo, realizar mais identificações, posiciona o sujeito como *homem*.

Se, por um lado, o desenho apresentado por Freud possui uma característica maior de censura, nos parece que a contemporaneidade se alinha ao estímulo da ampliação das ações para conformação. Falamos, logo, de uma identidade *homem* contemporânea idealizada, viril, perdida no passado em que o sujeito seria livre de qualquer interdição Cultural – realidade fictícia dentro da civilização. Ou seja, mesmo que a direção inconsciente de interferência seja oposta entre os períodos – inibição no século XX e estímulo no século XXI – ambas culminam na inadequação de comportamento: o sujeito não se mantém fiel à castidade e ao matrimônio no primeiro e não alcança os parâmetros no segundo.

Esta energia libidinal frustrada, que não atinge a meta, seja por restrição da prática sexual ou sua idealização, somada à autocensura dos desejos e práticas “perversas”, descritas em Freud, ou inconformidade com a identidade *homem*, que deveria estruturar e dar sentido a toda existência do sujeito, causam as psiconeuroses.

Engana-se, porém, quem assume que o tabu existente sobre a prática sexual de cem anos atrás tenha se tornado mais leve com o decorrer do tempo, atenuado os danos que estas psiconeuroses causam ao desenvolvimento psicológico do sujeito e sua maneira de viver com seus desejos. Paradoxalmente, a contemporaneidade, em que tanto se fala de sexo, ainda não superou a ilusão que o *homem* perderia sua identidade viril ao simbolizar seus medos e inseguranças, retroalimentando estas neuroses com estímulos e silêncio simultâneos em relação às práticas sexuais que comporiam esta identidade.

É inerente que o sujeito civilizado, circunscrito pela Cultura, lide com algum tipo de limitação sobre a satisfação de seus desejos, causando-lhe angústia e, potencialmente, psiconeuroses. Ao legitimarmos identidades míticas, como o *homem* viril, na função de estabilizador identitário, acentuamos, de forma insuperável, a distância entre realidade e o que desejamos ser. Ou seja, este *homem* não existe, seja neste século ou em seu antecessor, porém, o envolvimento Cultural histórico é responsável por graduar o tamanho desta angústia e a profundidade da eventual psicose decorrente desta busca. Atualmente, em uma sociedade marcada por identificações aos corpos e os espaços de mídia como palco de legitimação, os modelos para identificação tornam-se cada vez mais próximos do nosso consumo e mais distantes de qualquer realização.

## REFERÊNCIAS

AMBRA, Pedro. **O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no ocidente.** 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2015. 187 p.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 242, 2013. p. 241-282.

COSSI, R. K.; DUNKER, C. **Psicanálise sem gênero?** In: COSSI, R. K. (org.); DUNKER, C.; *et al.* Faces do sexual: fronteiras entre gênero e inconsciente. 1ª edição. São Paulo: Aller, 2019. p. 161-198.

COSSI, R. K. (org.); DUNKER, C.; *et al.* **Faces do sexual: fronteiras entre gênero e inconsciente.** 1ª edição. São Paulo: Aller, 2019. 286 p.

DUNKER, C. **Semblante, gozo e fantasia: por uma transleitura da sexuação.** In: COSSI, R. K. (org.); DUNKER, C.; *et al.* Faces do sexual: fronteiras entre gênero e inconsciente. 1ª edição. São Paulo: Aller, 2019. p. 199-232.

FOUCAULT, Michel. [1976] **A hipótese repressiva.** In: FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. 13ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2001. p. 19-50.

FREUD, Sigmund. [1908] **Moral sexual civilizada e neurose moderna.** In: ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1974a. v. IX. p. 96-111.

\_\_\_\_\_. [1923] **O ego e o id.** In: ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1974b. v. XIV. p. 3-41.

\_\_\_\_\_. [1930] **O mal-estar do sujeito na sociedade contemporânea.** In: ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1974c. v. XXI. p. 38-92.

\_\_\_\_\_. [1921] **Psicologia de grupo e a análise do ego.** In: ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1974d. v. XVIII. 43-90.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente.** 24ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 236 p.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988. 124 p.

KELH, M. R. Visibilidade e espetáculo. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 140-161, 2002.

LACAN, J. [1969-70] **O seminário livro 17: o avesso da psicanálise**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 232p.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: SZWAKO, J. (org.); ALMEIDA, H. Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 116-148.

RODRIGUES, C. **Identificação, identidade, identitário e alguns mal-entendidos**. In: COSSI, R. K. (org.); DUNKER, C.; *et al.* Faces do sexual: fronteiras entre gênero e inconsciente. 1ª edição. São Paulo: Aller, 2019. p. 61-78.